

OBSERVATÓRIO METEOROLÓGICO DE CAETITÉ

Articulações em torno da preservação patrimonial

CAETITÉ METEOROLOGICAL OBSERVATORY
Articulations around heritage preservation

João Maurício Santana Ramos¹ e
Luciana Guerra Santos Mota²

Resumo

O Observatório Meteorológico de Caetité é um edifício do início do século XX que tem valor simbólico para moradores da cidade e que se encontra abandonado, em processos de degradação. Neste trabalho, foram empregados recursos de inspiração etnográfica para construir relatos e análises em torno da preservação do Observatório. Nota-se que habitantes desejam que o edifício seja restaurado e conservado e que há mobilização de atores para pensar possibilidades de uso do prédio que atendam a demandas locais. As articulações em torno à preservação patrimonial levaram ao tombamento municipal do prédio, mas sem planejamento de ações posteriores que garantam a recuperação e preservação do patrimônio histórico.

Palavras-chave: observatório meteorológico, Caetité, patrimônio edificado, preservação patrimonial.

Abstract

The Meteorological Observatory of Caetité is a building from the beginning of the 20th century that has symbolic value for the city's residents and that is abandoned, in processes of degradation. In this work, ethnographic-inspired resources were used to build reports and analyzes around the preservation of the Observatory. It is noted that inhabitants want the building to be restored and conserved and that there is mobilization of actors to think about possibilities of the building's uses that meet local demands. The articulations around heritage preservation led the building to be listed as a municipal landmark, but without planning for subsequent actions to guarantee the recovery and preservation of the historical heritage.

Keywords: meteorological observatory, Caetité, built heritage, heritage preservation.

1 Doutor em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Professor Adjunto IV, Arquiteto e urbanista (UFBA, 1998), mestre em educação e contemporaneidade (UNEB, 2010) e doutor em arquitetura e urbanismo (UFBA, 2020). Professor da Faculdade de Arquitetura da UFBA desde 2011. Integrante do corpo docente da Residência em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia. Líder do grupo de pesquisa MULTGRAF.

2 Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Professora Adjunto III, Doutora em Arquitetura e Urbanismo (UFBA, 2014) e professora da Faculdade de Arquitetura da UFBA desde 2011. Líder do grupo de pesquisa MULTGRAF e integrante do grupo de pesquisa LAB 20.

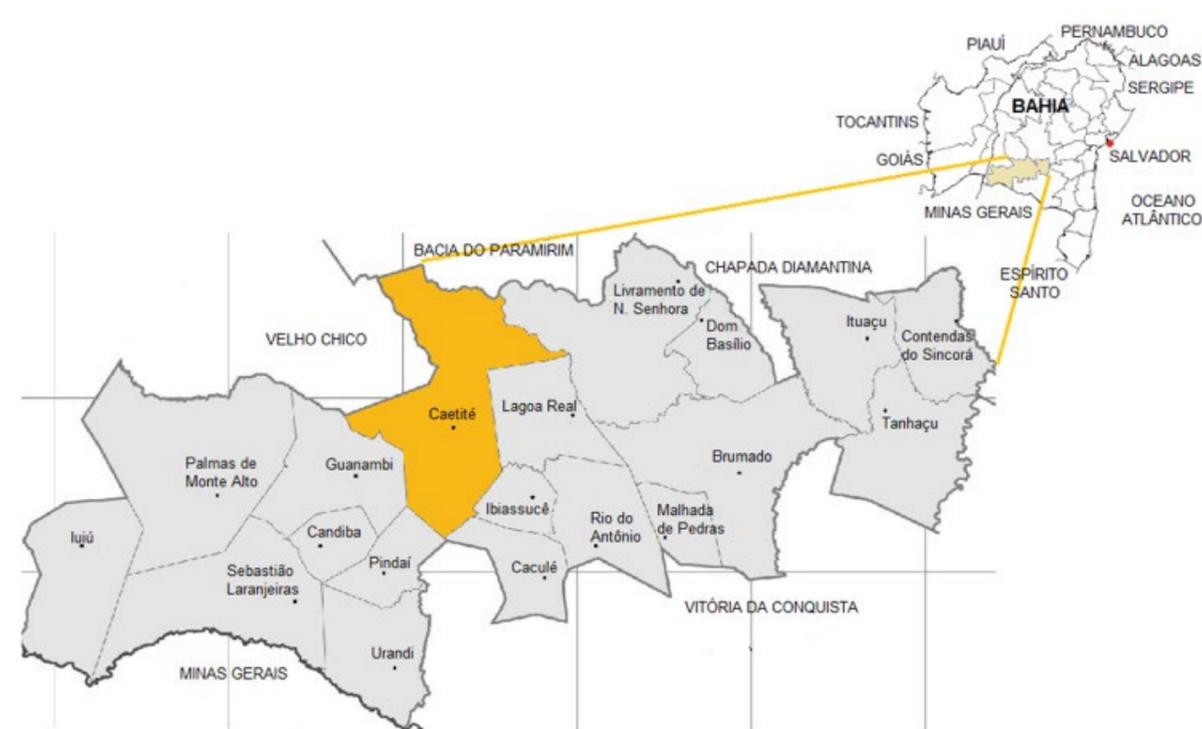


Figura 1 - Localização do território do Sertão Produtivo e de Caetité no Estado da Bahia, em ilustração elaborada por João Maurício Ramos a partir de mapas disponíveis na internet, 2022.

Introdução

Este trabalho visa a trazer, para o debate acadêmico, as articulações em torno da preservação do Observatório Meteorológico de Caetité, edificação do início do século XX que tem valor simbólico para habitantes da cidade e que se encontra em estado de abandono, passando por processos de deterioração.

Para construir este trabalho, foram utilizados recursos de inspiração etnográfica. A partir de notícias, observação de campo, publicações em redes sociais, conversas e revisão bibliográfica - notadamente, as contribuições de Fonseca (2005), Latour e Yaneva (2008), Rocha (2010) e Montaner e Muxí (2014) -, foi possível construir relatos e análises de processos em torno à preservação do Observatório Meteorológico.

O texto está organizado em quatro seções. Na primeira delas, fala-se de Caetité, enfocando aspectos de sua história e do seu patrimônio edificado. Na segunda seção, trata-se do Observatório Meteorológico, de como o edifício é percebido por moradores de Caetité e de articulações de grupos sociais que defendem o restauro e conservação do prédio. Na terceira seção, descreve-se como se deu o tombamento municipal do Observatório. Por fim, tecem-se as considerações finais.

Caetité e seu patrimônio edificado

Caetité é um município baiano situado a 635km da capital Salvador (distância medida em rodovias), no território de identidade Sertão Produtivo (ver Figura 1), com população estimada em cerca de 51.000 habitantes para 2021. No censo de 2010, o seu IDH foi 0,625, o que lhe colocou na 74ª posição entre os 417 municípios do Estado (IBGE).

Dentre as atuais atividades econômicas do município, é possível destacar a mineração e a geração de energia eólica. Em Caetité, existem jazidas de ferro, ametista, manganês e granito (JESUS, 2017), sobressaindo-se a extração de urânio. Explorada pelas Indústrias Nucleares do Brasil (INB), a mina de urânio tem reserva estimada em 100.000 toneladas de urânio, suficientes para as usinas nucleares já em funcionamento e as que estão previstas no Plano Nacional de Energia 2030 durante toda a sua vida útil (BRASIL, 2013). Em meio a acidentes que contaminaram rios e solos da região e a denúncias de casos de câncer na população local devido ao contato com a radiação, a INB afirma que desenvolve um programa de recuperação de áreas degradadas, como medida de compensação ambiental, e o Governo da Bahia, em 2019, comprometeu-se em construir, em Caetité, um hospital de referência em oncologia (PAES, 2019). Quanto à geração de energia eólica, uma pesquisa identificou que a região de Caetité possui o maior potencial em intensidade e frequência de ventos, além de pequena amplitude de direção destes, o que posiciona o município como o local de maior viabilidade para instalação de parque eólico (BORGES, 2015). Há vários aerogeradores em operação no município desde 2014, sob o comando de empresas como a Renova Energia (CAETITÉ, 2014) e Rio Energy (PREFEITURA, 2021a).

Caetité é uma das cidades brasileiras que se desenvolveu em torno do Ciclo da Mineração. Estrategicamente localizada entre a Chapada Diamantina e as lavras de Minas Gerais, Caetité era tida como ponto de parada obrigatória para os garimpeiros que aí circulavam no início do século XVIII. Posteriormente também foi local de exploração de ouro e diamantes (GOVERNO..., 1997, p.16). A partir do final do século XVIII, a lavoura do algodão começou a substituir parcialmente a economia dessa região cujo rendimento era gerado pelas minas de ouro, em decadência. O Ciclo Diamantífero teve curta duração; iniciado somente a partir de 1832, quando sua exploração foi liberada em terras baianas, esgotou-se em um quarto de século (*ibidem*, p.16-18).

A prosperidade de Caetité transformou-a em um centro abastecedor e financeiro da região e possibilitou a construção de edificações que, hoje, são reconhecidas como bens patrimoniais. Nas proximidades da Igreja Matriz de Santana há casarões com detalhes construtivos, a exemplo de eiras e beiras, além de cimalthas abaixo das janelas, que refletiam o status social das famílias que ali habitavam (JESUS, 2017). Imponentes edifícios civis e religiosos foram construídos no início do século XIX, a exemplo da Igreja de São Benedito, da Casa de Câmara e Cadeia e da Casa do Barão. Em 1908 foi inaugurado o Observatório Meteorológico, edifício focado neste trabalho.

Com a consolidação de uma elite econômica na cidade, constituiu-se um comércio voltado para essa classe, criando um fluente contato com lugares longínquos e mais desenvolvidos (Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, entre outros), apesar da precariedade das estradas, ausência de uma linha férrea e instabilidade dos serviços de correio conforme apontado nos jornais do início do século XX. De acordo com Aguiar (2010), essa elite apresentava características peculiares, pois não se tratava apenas de um grupo social com alto poder aquisitivo, mas também se envolvia em atividades intelectuais e políticas.

Durante o século XX, apesar de a economia local não ser mais tão significativa quanto na época do Ciclo da Mineração, a cidade ainda se constituía num polo atrativo de comércio e serviços para a região. Desta forma, novos serviços foram sendo implantados durante o período: a água encanada e luz elétrica foram instaladas em 1919; o Banco do Brasil em 1943; o Hospital Regional de Caetité foi inaugurado em 1962, seguido pela instalação da DIREC (Diretoria Regional de Educação e Cultura) e da Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras, a qual foi transformada na Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus VI – na década de 1990 (SANTOS; OLIVEIRA, 2004).

Nas décadas de 1940 a 1970, Caetité passou por reformulações urbanas buscando manter a posição que ocupava no início do século. A ideia de progresso idealizada pela elite buscava eliminar aspectos que davam à cidade uma aparência decadente e arcaica (AGUIAR, 2010). Nesse período, importantes edifícios que representavam marcos na história local foram demolidos, a exemplo do Teatro Centenário (1922), do antigo Colégio das Freiras e de um dos dois pavilhões da Escola Normal.

Mesmo assim, na década de 1970 Caetité ainda apresentava um grande número de edifícios de importância histórica que faziam parte do cenário urbano e rural, conforme pode ser constatado no Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia realizado pela Secretaria da Cultura e Turismo. Na época, o Inventário indicava os seguintes edifícios para serem inscritos como bens culturais em diferentes níveis: federal, estadual ou municipal. Para tombamento federal era indicada a Casa da Fazenda Brejo dos Padres (meados do século XVIII), localizada na área rural. Indicados para tombamento estadual estavam: Igreja de São Benedito (início do século XIX); Casa de Câmara e Cadeia (início do século XIX); Antiga Escola Normal (início do século XX); Casa do Barão de Caetité (início do século XIX); Casa Natal de Anísio Teixeira (meados do século XIX); Casa do Coronel Cazuzinha (meados do século XIX); Caetité Hotel (meados do século XIX); Edifício à Praça Deocleciano Teixeira (início do século XIX); Casa Natal de César Zama (médico, político, parlamentar e literato) (início do século XIX); Casa na Praça Rodrigues Lima, 178 (início do século XX); Casa da Fazenda Santa Bárbara (área rural) (meados do século XIX). Já para tombamento municipal, o Inventário indicava a Casa à Praça Catedral, 501 (início do século XIX).

Em 31 de julho de 2008 o IPAC realizou o tombamento provisório de imóveis da Cidade de Caetité, constituindo uma poligonal, compreendidos entre: Praça Deocleciano Teixeira, Rua Conego Basto, Praça Pompeu Fernandes, Rua Vereador Auto Gumes, Rua professora Helena Lima Santos, Praça Rodrigues Lima, Rua 2 de julho, Rua Professor Francisco e Rua Cirqueira Campos.

Nota-se que o Observatório Meteorológico de Caetité não está presente nem no Inventário da Secretaria de Cultura e Turismo, nem faz parte da poligonal de tombamento do IPAC. Levando-se em consideração a sua importância histórica e paisagística para o centro urbano, acrescentaríamos esse edifício à lista de monumentos relevantes.

O Observatório Meteorológico de Caetité

A ordem para construção do Observatório Meteorológico em Caetité foi dada pelo Imperador Dom Pedro II, movido pelo seu interesse por artes, cultura e tecnologia. O monarca idealizou, no final do Império, uma rede capaz de registrar as alterações climáticas no Brasil e um dos equipamentos desta rede seria construído em Caetité.

O Observatório de Caetité, contudo, somente veio a ser concluído na República, em 1908. A edificação seguiu o fluxo da prosperidade econômica da cidade, mas como um prédio utilitário, com finalidade científica. Desta forma, possui uma arquitetura mais simples, porém com detalhes construtivos condizentes com a sua época de construção, próprios da arquitetura eclética: molduras em torno das envasaduras, frisos e adornos geométricos nas fachadas, platibanda com pináculos. O edifício possuía, originalmente, além do pavimento térreo, no qual residiam os encarregados pelos serviços meteorológicos da cidade com suas famílias, uma torre com dois pavimentos, que se erguia a partir de um dos cantos do andar térreo (ver Figura 2). O andar superior da torre guardava cata-vento, barômetro, barógrafo, termógrafo, heliógrafo, pluviômetro e um telescópio (Rômulo Anísio, 1999, p. 68 – apud SANTOS; OLIVEIRA, 2004). Assim, além das medidas climáticas, também era possível verificar os astros e seus

Figura 2 - Observatório Meteorológico em sua conformação original, com torre com dois pavimentos, em imagem do Arquivo Público de Caetité, início do século XX. Figura 3 - Vista antiga de Caetité, em imagem do Arquivo Público da cidade, primeira metade do século XX.



movimentos. O andar superior da torre foi demolido e não foram encontrados registros das razões que levaram a este fato ou de quando ele ocorreu. Após a demolição do segundo pavimento da torre, o edifício apresenta 153,02 m² de área construída, sendo 128,99 m² no pavimento térreo e 24,03 m² no pavimento superior.

O Observatório foi construído em um morro que se elevava nas proximidades da cidade, localizando-se cerca de 90 metros acima do nível da Catedral de Nossa Senhora Santana, destacando-se na paisagem. Na Figura 3, uma fotografia antiga de Caetité, é possível ver que sobressaem duas edificações na paisagem: a Catedral de Nossa Senhora Santana e o Observatório Meteorológico. A primeira, situada à esquerda da fotografia, destaca-se por seu porte e por sua torre, enquanto o Observatório Meteorológico, à direita da imagem, destaca-se por ser uma construção isolada no morro, em cota mais elevada que a cidade, acessada por um caminho aberto em meio à vegetação.



Figura 4 - Vista de Caetité em fotografia de João Maurício Ramos, editada pelo próprio, 2019. Figura 5 - Vista de Caetité a partir das janelas da torre do Observatório em fotografia de João Maurício Ramos, 2015.

A expansão do tecido urbano da sede do município trouxe modificações irreversíveis na paisagem. Um dos vetores de expansão da cidade foi na direção do morro sobre o qual ergueu-se o Observatório. Em torno do Observatório desenvolveu-se um bairro predominantemente residencial, chamado Alto do Observatório. O Observatório, que antes se destacava no cenário, agora tem sua identificação dificultada pelas edificações que o rodeiam, conforme pode ser visto na Figura 4, uma fotografia de 2019. Nesta figura, estão indicadas as mesmas duas construções que se destacam na Figura 3: a Catedral de Nossa Senhora Santana e o Observatório Meteorológico. Sem as indicações, seria custoso distinguir os dois prédios em meio à atual paisagem de Caetité.

Entre os moradores mais antigos de Caetité, há relatos de que, antes do crescimento da malha urbana, as pessoas subiam até o Observatório para, do morro, contemplar a paisagem. Após a expansão urbana, não é possível mais visualizar a cidade a partir do entorno do edifício, por conta da obstrução visual causada pelas edificações construídas ao longo dos anos. Para contemplar a cidade, hoje, é preciso olhar pelas janelas da torre do Observatório - aí, descortina-se a vista observada na Figura 5. Contudo, o edifício é fechado ao público, o que restringe as possibilidades de apreciação da paisagem da cidade por sua população.

Em visita ao prédio do Observatório, em maio de 2015, foi possível constatar o seu avançado estado de degradação (ver Figura 6). Esquadrias e suas molduras danificadas, frisos e adornos das fachadas quebrados, manchas nas paredes decorrentes de vazamentos e infiltrações, escada de acesso à torre deteriorada, assoalho do segundo pavimento danificado, forros deteriorados e com peças faltantes, telhas deslocadas e quebradas compunham o retrato do edifício. Os ambientes internos estavam sujos e com lixo acumulado no piso, confirmando o abandono do prédio.



Em 2015, ainda funcionava, no edifício do Observatório e em terreno aos fundos, a Estação Meteorológica de Caetité (ligada ao Instituto Nacional de Meteorologia, vinculado ao Ministério da Agricultura), cujos instrumentos registravam dados que eram transmitidos para Salvador. Em um dos cômodos do térreo do edifício havia um barógrafo (registra continuamente a pressão atmosférica) e um barômetro (mede a pressão atmosférica em coluna de milímetros de mercúrio). No terreno aos fundos do edifício, ocupando uma área cercada de 210,00 m², havia outros instrumentos de medição (ver Figura 7): heliógrafo (registra a insolação ou a duração do brilho solar, em horas e décimos), anemógrafo (destinado a registrar todas as variações de direção e de velocidade dos ventos), pluviógrafo (registra a quantidade de precipitação pluvial ao longo do tempo), pluviômetro (mede a quantidade de precipitação pluvial), termógrafo (registra a temperatura do ar em °C), termômetros de máxima e mínima (indicam as temperaturas máxima e mínima do ar em °C ocorridas no dia), evaporímetro (mede a evaporação a partir de uma superfície porosa, mantida permanentemente umedecida por água), tanque evaporimétrico (mede a evaporação numa superfície livre de água),



termômetros de solo (indica as temperaturas do solo, a diversas profundidades, em °C). Contudo, os dados aferidos pela estação meteorológica estavam comprometidos, pois a pavimentação das vias e a densidade das construções criadas no seu entorno ao longo dos anos causavam interferências nas leituras climáticas.

Em outubro de 2015, professores do Departamento de Ciências Humanas da UNEB (Campus VI) realizaram entrevistas com moradores de 39 residências dos arredores do Observatório Meteorológico de Caetité, buscando verificar suas percepções em relação ao antigo edifício. Quase metade dos entrevistados considera o edifício como patrimônio abandonado. E, quando questionados sobre o que o edifício representa para o bairro e para a cidade de Caetité, as principais respostas foram: Patrimônio histórico da cidade; Ponto de referência do bairro; Local turístico; Representa o descaso dos órgãos públicos (abandono) (OBSERVATÓRIO, 2019).

Em seus estudos, Lopes (2016) também colheu depoimentos de moradores antigos da cidade, que se referem ao edifício como um marco de sua juventude e para quem a sua situação de abandono causa insatisfação.

Esta visão do Observatório como um patrimônio abandonado que precisa ser restaurado e preservado é compartilhada em publicações na rede social Facebook, como demonstra o exemplo a seguir:

Há algumas décadas o lamento era por outro patrimônio de nossa cidade, o Teatro Centenário, ruído para edificar uma agência bancária. Hoje, silenciosa e inerte, a população acompanha a degradação do Observatório Meteorológico, sinônimo do apogeu de nossa “Pequena e Ilustre”. Daqui se vê visitas constantes de educadores e educandos numa tentativa, até agora em vão, de manter vivo este monumento. Será que vamos continuar só no lamento?³

Ainda no Facebook, são comuns os comentários que reforçam a necessidade de restauro do prédio do Observatório, a exemplo dos que se seguem, feitos em publicação⁴ de 31 de janeiro de 2020: “Pena que foi totalmente abandonado. Os dois funcionários que faziam coleta de dados todos os dias aposentaram a mais de um ano e não foram substituídos.”; “Estive em Caetité em novembro 2018 e está destruído, uma pena!”; “Do jeito que esta só vamos lembrar que existiu observatório em caetite olhando as fotos ou o bairro que tem o nome alto do observatório”.

Em 2015, não foi possível conversar com os funcionários do Observatório que fazem as leituras dos aparelhos e transmitem as informações para Salvador, mas a notícia que circulava entre moradores da cidade é que, após as suas aposentadorias, que estavam próximas, não haveria novos funcionários para os substituir e o edifício permaneceria fechado. Um dos comentários transcritos acima ratifica essa informação, o que sugere a pouca importância dada pelo Instituto Nacional de Meteorologia e pelo Ministério da Agricultura ao edifício, que é reconhecido como um patrimônio por habitantes de Caetité. O abandono do Observatório confirma a afirmação de Rocha (2010, p. 55):

3 GOMES, Antônio. *Há algumas décadas o lamento era [...]*. Caetité, 8 nov. 2019. Facebook: Antônio Gomes @antonio.gomes.7967. Disponível em: <<https://www.facebook.com/antonio.gomes.7967/posts/2620730604615942>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

4 CAETITÉ Histórica. *Observatório Meteorológico de Caetité - 1908*. Caetité, 31 jan. 2020. Facebook: Caetité Histórica @caetitehistorica. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=170360594304332&set=a.109667213707004>>. Acesso em: 14 nov. 2022.



Figura 8 - Perspectiva do anteprojeto arquitetônico do Observatório de Ciências, Tecnologias e Culturas de Caetité, disponível na página 48 do respectivo dossiê, 2019.

Essa arquitetura abandono tem um dono, um senhorio, a qual pertence por direito ou não, e nesse exercício de direito o dono pode abandonar, trocar, demolir, quando a arquitetura tem menos valor que o vazio que ocupa. Tudo que irrita, molesta, não funciona, não gostamos, não nos interessa mais jogamos fora.

O sentimento de que é preciso recuperar o edifício do Observatório incita mobilizações de atores, a exemplo do movimento para elaborar o projeto do Observatório de Ciências, Tecnologias e Culturas de Caetité (PREFEITURA, 2020). A ideia deste projeto, cuja temática central era a produção, divulgação e popularização das ciências, pensado como espaço sociocultural, partiu de uma articulação entre professores do Departamento de Ciências Humanas (DCH) do Campus VI (Caetité) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), os quais buscaram o apoio de professores da Faculdade de Arquitetura da UFBA (FAUFBA) para elaboração da proposta arquitetônica. A Prefeitura Municipal de Caetité, a Associação da Memória e do Patrimônio Cultural (AMPC), professores do Campus VI da UNEB e moradores do entorno do Observatório Meteorológico de Caetité participaram das discussões que embasaram a elaboração do anteprojeto arquitetônico de reforma do Observatório Meteorológico e de construção de um anexo no terreno aos fundos, após desativação da Estação Meteorológica de Caetité, cujos dados estavam comprometidos, conforme afirmado anteriormente neste trabalho. O Observatório de Ciências, Tecnologias e Culturas de Caetité funcionaria no edifício restaurado do Observatório Meteorológico e no anexo, que previa, na proposta arquitetônica, em 381,43 m² de área construída, salas multifuncionais, administração, lanchonete e sanitários, além de um anfiteatro, localizado entre o anexo e o prédio do Observatório Meteorológico e conectado ao terraço do anexo, que serviria como ambiente de convívio e lazer. A proposta arquitetônica também previu a construção de uma torre que funcionaria como mirante, devolvendo ao Alto do Observatório a função de contemplação da cidade de Caetité. A Prefeitura de Caetité tem empreendido esforços no sentido de viabilizar os recursos necessários à execução do projeto (PREFEITURA, 2021b). A Figura 8 traz uma perspectiva da proposta arquitetônica do Observatório de Ciências, Tecnologias e Culturas de Caetité.

Latour e Yaneva (2008) afirmam que um edifício não é um objeto estático, mas sim um projeto em movimento – mesmo depois de construído, ele envelhece, é transformado por seus usuários, modificado por tudo o que acontece dentro e do lado de fora, e que vai se perder ou ser renovado, adulterado e transformado para além de seu reconhecimento. Para eles, o edifício não deve ser entendido como uma estrutura estática, mas sim como um fluxo de transformações. No caso do Observatório de Caetité, o que podemos perceber, como predominância, é o fluxo de transformações causadas pelas ações das intempéries, dos microrganismos, dos vegetais e pequenos animais, com irrisória ação humana pela conservação do edifício. O que cabe aos humanos está restrito ao apreço pelo imóvel e sua história e ao desejo de vê-lo restaurado, mas falta agir para que a vontade humana seja mais presente no fluxo de transformações do Observatório.

Esta ausência de ação humana leva à percepção de que o edifício está abandonado, mas Rocha (2010) apresenta uma ideia de abandono diferente daquela que circula entre habitantes de Caetité - e, talvez, entre a maioria dos humanos. Rocha (2010, p. 47) afirma que o abandono “faz parte da degradação da vida, mesmo que se evite o abandono, ele vem, mais dia menos dia, é inerente a vida.”. Ele propõe

arquiteturas do abandono rizomáticas, onde a realidade é concebida como coexistência e conexões entre vários rizomas que estão em constante transformação. Essas conexões, mais do que complementar os elementos que as compõem, podem criar o novo, operar a favor da invenção. (ROCHA, 2010, p. 483).

Por outro lado, Montaner e Muxí (2014, p. 159-169) denunciam o apagamento da memória como um trauma urbano presente nas cidades contemporâneas. Este apagamento visa a debilitar redes sociais e comunitárias que se oporiam a determinados projetos urbanos e, portanto, econômicos. São processos associados à tematização de cidades que se voltam para o turismo e para captação de investimentos, em um movimento de imposição de novas identidades coletivas, baseadas em concepções simples e em manipulação do social. Nesta onda, não só o patrimônio histórico ou espaços públicos são arrasados, mas também podem ocorrer expulsão de habitantes de áreas centrais para regiões periféricas. Em resistência a esta imposição, movimentos sociais urbanos podem defender o patrimônio para o *salvar* e para que os edifícios sejam convertidos em equipamentos que atendam a suas necessidades.

Estas concepções, do abandono como possibilidade criativa e do apagamento da memória atravessado por interesses capitalistas, não parecem se aplicar ao caso do Observatório de Caetité. Lá, o abandono não incitou, ao menos ainda, o surgimento do novo, que poderia emergir a partir de usos realizados por indivíduos ou pequenos grupos com interesses particulares – o que algumas pessoas poderiam chamar de vandalismo ou invasão, por exemplo. Tampouco não se vislumbram associações neoliberais que teriam interesse na eliminação do edifício para posterior implantação de algum projeto que lhes revertesse lucro. Contudo, observa-se a mobilização de grupos sociais que buscam pensar usos viáveis para o edifício, usos que atendam a demandas locais e que permitam que o edifício seja vivido por diversas pessoas, ainda que sejam usos diferentes da finalidade original do prédio.

O processo de tombamento do Observatório

O Observatório de Caetité não é tombado individualmente pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado (IPAC), não se localiza dentro da poligonal de preservação instituída por este órgão em 2008, como também não possui nenhum tipo de proteção

pelo órgão de preservação federal (IPHAN). Sem poder sofrer intervenção jurídica por uma instância estadual ou federal, apenas a prefeitura, a partir de um decreto de tombamento municipal, poderia tomar a iniciativa de intervir juridicamente no edifício, para efeito de sua salvaguarda.

Em 15 de novembro de 2003, o Município de Caetité decretou a sua lei de tombamento, nº 591. Apesar de aparentemente parecer tardia, esta representa uma das pioneiras na Bahia: a capital do Estado, por exemplo, aprovou a sua lei de tombamento municipal apenas em 2014, com a Lei 8.550. Segundo o professor universitário Sebastião Carvalho, nesta época, a prefeitura de Caetité já tinha interesse em fazer o tombamento do Observatório, durante a então gestão do prefeito Ricardo Ladeia (2001-2008), sendo André Luiz Koehne o Gerente de Cultura da época (SILVA, 2019). Entretanto, não houve andamento neste período.

Conforme André Koehne, em conversa com os autores em 07 de abril de 2021, o processo de tombamento iniciou realmente a partir de 2015, após uma provocação do Ministério Público que solicitou providências frente ao estado de abandono do edifício. Neste mesmo ano, houve uma visita de funcionários do IPAC ao imóvel para uma avaliação, porém sem grandes desdobramentos. Sebastião Carvalho, Secretário de Cultura entre 2012-2016, comenta que o problema da manutenção física do Observatório está na ausência da figura de um proprietário, devido às alterações nos Ministérios ao longo dos anos (SILVA, 2019). Apesar desta questão, o processo de tombamento foi iniciado e enviado uma intimação ao Ministério da Agricultura, que seria responsável pela propriedade do Observatório. A instrução do processo era de responsabilidade da Superintendência de Patrimônio, criada em 2013. O Conselho Municipal de Cultura foi reativado neste período, sendo esta a instância de aprovação dos processos de tombamento.

Apesar de uma demonstração de interesse do prefeito Aldo Gondim (2017-2020), conforme comenta Koehne, questões administrativas levaram ao lento andamento do processo de tombamento durante a sua gestão. Edimilson de Brito Gomes afirma que, ao assumir a Superintendência de Patrimônio, em 2019, foi solicitado que desse andamento no processo de tombamento do imóvel, encaminhando-o ao setor jurídico da prefeitura (conversa com os autores em 09 de abril de 2021). Porém, Edimilson Gomes ressalta que, ao analisar a documentação, observou que faltavam estudos necessários ao processo de tombamento: havia apenas um pequeno histórico e não havia plantas de levantamento cadastral do imóvel, apenas os desenhos da proposta de intervenção feita pela UFBA e doada à UNEB, à Prefeitura e à AMPC. E assim, solicitou que fosse anexado ao processo o estudo completo do trabalho realizado pela UFBA, o qual continha também histórico e plantas cadastrais da edificação (OBSERVATÓRIO..., 2019).

Com a iminente mudança de grupo político na gestão municipal após as eleições de 2020, o Observatório foi rapidamente tombado, conforme o Decreto Lei número 133, de 23 de Dezembro de 2020 (Diário Oficial do Município). No texto do decreto, percebe-se uma atenção à preservação apenas do imóvel, não havendo comentários em relação à paisagem do seu entorno. Ao que tudo indica, de símbolo do abandono, o Observatório se transformou em um símbolo de disputa política.

A busca do tombamento pelos políticos de Caetité apenas refletem o significado que esse ato representa na prática do SPHAN (posterior IPHAN), desde sua criação em 1937: “um instrumento de preservação por excelência” (FONSECA, 2005, p.180). O tombamento do Observatório significaria o reconhecimento de um bem ao qual parte da população atribui um significado, importando-se com a sua preservação. Sendo assim, ao demonstrar preocupação com o caso, os políticos estariam agradando parte

do seu eleitorado.

Por outro lado, o tombamento também pode ser encarado de forma negativa, pois limita os usos do imóvel, sendo mal visto principalmente por proprietários de imóveis em setores urbanos antigos e empresários da construção civil, como aponta Fonseca (2005, p. 180). O Observatório, apesar de ser propriedade da União que, aparentemente, não se opõe ao tombamento, enfrenta a dificuldade de não haver clareza em relação ao setor responsável pelo edifício, o que tem dificultado qualquer tipo de intervenção pela prefeitura, até mesmo para efetuar limpeza no local (SILVA, 2019).

Apesar do decreto do tombamento do Observatório, nada mudou desde então. A edificação continua no seu estado de abandono, não havendo mais notícias sobre as decorrências deste tombamento.

Considerações finais

O Observatório de Caetité representa apenas mais um exemplo de descaso com a preservação da memória de um local, entre tantos que acontecem nas cidades brasileiras. O abandono é uma triste realidade em vários imóveis de interesses locais. Por não se tratar de uma obra de grande interesse arquitetônico e por ter uma história relativamente recente, não apresenta relevância nos níveis federal ou estadual, ficando a cargo da prefeitura a responsabilidade em articular uma forma de preservação.

O ato do tombamento não pode ser confundido com preservação, pois não dá garantias para isso. Porém, no caso do Observatório, cujos proprietários não demonstram interesse por sua preservação, o tombamento serviria como um instrumento jurídico para intervir junto aos proprietários e criar possibilidades para a sua recuperação.

A criação da lei de tombamento da prefeitura de Caetité foi um primeiro passo para isso. Mesmo assim, o tombamento do Observatório veio a ocorrer 17 anos após a criação da lei, num processo conturbado. Ao mesmo tempo em que políticos demonstram interesse em realizar o tombamento do imóvel, o processo nunca é levado adiante. E assim, no meio de um jogo político, o edifício é tombado, sem um amadurecimento do que fazer após este ato. E segue o edifício em seu estado de abandono.

Referências

AGUIAR, Lielva Azevedo. Entre o sertão e a capital: Caetité nas primeiras décadas do século XX. 2010. In: Simpósio ILB Impérios e Lugares. 3., 2010, Mariana – MG. *Anais...* Disponível em: <<https://slidex.tips/download/entre-o-sertao-e-a-capital-caetite-nas-primeiras-decadas-do-seculo-xx>>. Acesso em 20 ago. 2016.

BORGES, André. No sertão baiano, o melhor dos ventos. *Estadão*. 13 set. 2015. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,no-sertao-baiano--o-melhor-dos-ventos,1761212>>. Acesso em: 06 nov. 2022.

BRASIL terá mina subterrânea de Urânio. *Inovação Tecnológica*. 28 mar. 2013. Disponível em: <<https://www.inovacaotecnologica.com.br/noticias/noticia.php?artigo=brasil-mina-subterranea-uranio&id=010175130328#.Y2fsyXbMLIV>>. Acesso em: 06 nov. 2022.

CAETITÉ: Complexo eólico Alto Sertão II está quase pronto. *Sudoeste Bahia*. 22 mai. 2014. Disponível em: <<https://www.sudoestebahia.com/noticias/8507-2014/05/22/caetite-complexo-eolico-alto-sertao-ii-esta-quase-pronto>>. Acesso em: 06 nov. 2022.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC-IPHAN, 2005.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. *Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia*. Vol. 4: Monumentos e sítios da Serra Geral e Chapada Diamantina, 2ª.ed., Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 1997, p. 15-18.

JESUS, Sandra Lician Sacramento Neves de. O processo de urbanização e a configuração do espaço urbano de Caetité – BA. *Sitientibus*, Feira de Santana, n. 57: p. 10-18, jul./dez. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.uefs.br/index.php/sitientibus/article/view/5052/4269>>. Acesso em: 06 nov. 2022.

LATOUR, Bruno; YANEVA, Alben. Give me a gun and I will make all buildings move: An ANT's view of architecture. In: GEISER, R. (ed.) *Explorations in Architecture: Teaching, Design, Research*. Basel: Birkhäuser, 2008. p. 80–89. Disponível em <<http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/P-138-BUILDING-VENICEpdf.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

LOPES, Nathália Helena Correia. *Cataventos da Memória: Intervenção em Patrimônio Histórico e Reabilitação Urbana – Caetité, Bahia*. 2016. Trabalho Final de Graduação (Arquitetura e Urbanismo) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Poços de Caldas, 2016.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. *Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos*. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

OBSERVATÓRIO de Ciências, Tecnologias e Culturas de Caetité. Diagnóstico e Proposta Arquitetônica de Reforma e Ampliação. 2019. Disponível em: <<https://caetite.ba.gov.br/tag/observatorio-meteorologico-de-caetite/>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

PAES, Caio de Freitas. Mineração de urânio no sertão da Bahia traz à tona memória de contaminação. *BBC News Brasil*. 19 out. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50077223>>. Acesso em: 06 nov. 2022.

PREFEITURA de Caetité tem reunião com a Rio Energy. *Prefeitura de Caetité*. 16 mar. 2021a. Disponível em: <<https://caetite.ba.gov.br/prefeitura-de-caetite-tem-reuniao-com-rio-energy/>>. Acesso em: 06 nov. 2022.

PREFEITURA de Caetité, UFBA e UNEB fazem parceria para resgate do Observatório. *Sudoeste Bahia*. 12 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.sudoestebahia.com/noticias/26773-2020/03/12/prefeitura-de-caetite-ufba-e-uneb-fazem-parceria-para-resgate-do-observatorio>>. Acesso em: 06 nov. 2022.

PREFEITURA solicita ao Governo do Estado obras de infraestrutura em Caetité. *Prefeitura de Caetité*. 14 mai. 2021b. Disponível em: <<https://caetite.ba.gov.br/prefeitura-solicita-ao-governo-do-estado-obras-de-infraestrutura-em-caetite/>>. Acesso em: 06 nov. 2022.

ROCHA, Eduardo. *Arquiteturas do abandono: ou uma cartografia nas fronteiras da arquitetura, da filosofia e da arte*. 2010. 526 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Portp Alegre, 2010. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/24722>>. Acesso em: 06 nov. 2022.

SANTOS, Jémison Mattos dos; OLIVEIRA, Magda Rodrigues. Diagnóstico Socioambiental participativo do município de Caetité-Ba. In: Encontro Baiano de Geografia, 7., 2004, Jacobina – BA. *Anais...* Disponível em: <<http://www2.uefs.br/geotropicos/DIAGNOSTICO%20SOCIOAMBIENTAL%20PARTICIPATIVO.pdf>>. Acesso em 25 jun. 2016.

SILVA, Willian. Observatório de Caetité pede socorro - mas a quem? *Sudoeste Bahia*. 30 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.sudoestebahia.com/noticias/22766-2019/01/30/observatorio-de-caetite-pede-socorro--mas-a-quem>>. Acesso em: 06 nov. 2022.